

The background is a complex, abstract composition of various geometric shapes and patterns. It includes solid color blocks in shades of purple, yellow, orange, pink, and teal. There are also sections with black and white wavy lines, black and white vertical stripes, and solid black circles. The overall style is reminiscent of mid-century modern or pop art.

# ESPAÇOS, CULTURAS URBANAS E CONTEMPORANEIDADE

José Teixeira  
*(Organização)*

**SEPARATA**

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

*José Teixeira*

## **ESPAÇOS, CULTURAS URBANAS E CONTEMPORANEIDADE**

Organização: José Teixeira

Capa: José Teixeira

Fotos :José Teixeira

Foto da capa: pormenor de parede da Central de Camionagem, Braga.

Foto da contracapa: banco e parede da Central de Camionagem, Braga.

Edição: Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho

© Autores

Edições Húmus, Lda., 2018

End.Postal: Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Tel. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.ª edição: Março de 2018

Depósito Legal n.º: 438175/18

ISBN: 978-989-755-336-3

# Índice

- 7 **Em jeito de introdução**  
José Teixeira
- 17 **Braga: Espaços, Culturas e Contemporaneidade – Contributos para Repensar a Cidade e a Cultura**  
Álvaro Domingues
- 41 **A urbe social e sociológica:  
ou a cidade entendida como contexto e enquanto cotexto quotidianos**  
Pedro de Andrade
- 57 **A morfogénese como teoria da integração urbanística da alteridade e da identidade.  
Premissas de um diálogo entre a física e o sentido**  
Isabel Marcos
- 75 **Regeneração Urbana e Espaço Público: renovados desafios para  
o *Centro Histórico* de Braga**  
Miguel Melo Bandeira e Fátima Pereira
- 111 **Itinerários literários de Braga (séc. XIX): Camilo e outras vozes**  
João Paulo Braga
- 135 **Entre narrativas e entre passeios: uma aproximação à etnografia do intervalo**  
Helena Pires e Maria da Luz Correia
- 159 **O Falar Bracarense: mitos, identidades e palavrões**  
José Teixeira
- 179 **«*Qu'est-ce qu'on voit?*»  
Breve apresentação de *DQ/HK*, de Jérôme Game**  
Sérgio Guimarães de Sousa

Citação:

Teixeira, José (2018). “Espaços, Culturas Urbanas e Contemporaneidade: Em jeito de Introdução” in Teixeira, José (Org.) (2018). *Espaços, Culturas Urbanas e Contemporaneidade*, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, Braga. pp. 7-15

## EM JEITO DE INTRODUÇÃO

São as perceções genéricas sobre o espaço aquelas que, desde mais cedo e mais ontogenética e filogeneticamente, marcam o processo cognitivo humano. Sentir-se como um ser num espaço exterior é o encadeador do primeiro grito do recém-nascido que, a partir desse momento, começa a organizar mentalmente as bases configuradoras de muitas ou quase todas as suas mais importantes perceções. As que irão servir para construir os absolutamente fundamentais conceitos de tempo têm que se alicerçar nas do espaço, de tal modo que não podemos perceber o tempo sem o metamorfosarmos em espaços metafóricos. Imaginamos o tempo como um espaço que, segundo as culturas, pode ser linear ou circular, fazer corresponder o passado ao *atrás* e o futuro ao à frente ou sugerir a correspondência inversa. Mas ter a perceção do tempo sem ter a do espaço é cognitivamente inviável.

E se espaço e tempo são os alicerces construtores das formas mentais de organizar o(s) nosso(s) mundo(s), não é menos verdade que é destas bases que partimos para a perceção das outras realidades e a construção dos respetivos conceitos: a *vida* e o *viver* são metaforizados em espaços e movimentos num espaço. Por isso é que usamos verbos de movimento e deslocação para falarmos da vida: *Como vais?*, *cá vamos indo*, *os caminhos da vida*, *as encruzilhadas do viver*, *atingir uma meta*, *desviar-se de um rumo*, *terminar um percurso*, *ir para o outro lado* e todas as expressões sobre a vida e o viver (e o morrer...) assentam na metáfora concetual VIVER É VIAJAR ou A VIDA É UMA VIAGEM.<sup>[1]</sup>

<sup>1</sup> Lakoff e Johnson (1980). *Metaphors We Live By*, University Chicago Press.

E depois, ainda, quase todos os outros conceitos fundamentais se estruturam através da percepção do espaço: *compreender* e *perceber* é *ver* as coisas no espaço: *estou a ver a ideia* significa *estou a perceber*, *descobrir* não significa apenas *destapar* mas também *perceber uma coisa até aí não percebida* ou *revelar*, *desvendar* mostram ainda bem como “tirar os véus e as vendas” são metáforas construtoras das nossas concetualizações sobre a percepção.

Somos, portanto, cada um, um-ser-num-espaço, o que implica que cada comunidade humana é um conjunto de seres inseridos em espaços e respetivas interações e resultados, aos quais também se pode dar o nome de Cultura(s).

Como é que, na contemporaneidade, podemos verificar estes processos? Como é que nos nossos espaços vivenciais aquilo a que chamamos Cultura(s) denota as nossas formas de interagirmos com esses mesmos espaços e construirmos realidades que denominamos objetos culturais? Ou, visto por outro ângulo, como é que a contemporaneidade do(s) nosso(s) espaço(s) resulta da síntese destas vivências?

Esta pequena obra procura refletir sobre alguns ângulos destas questões, partindo de uma situacionalidade espacial concreta, a da região em que se insere o Centro de Estudos Lusíadas, unidade Cultural da Universidade do Minho.

Será, portanto, a partir do espaço vivencial concreto em que nos situamos, Braga e o Minho, que se procurará refletir sobre este e os outros espaços e respetivas vivências e culturas na contemporaneidade.

E como se liga Braga e o Minho à Contemporaneidade? Que representações sociais existem no espaço português sobre essa ligação?

Maria Filomena Mónica ilustra bem as conceções de um certo tipo de intelectual português clássico, lisboeta, nascido(a) em classe social alta, muito viajado pelo estrangeiro e que por isso pensa ter um conhecimento bem fundamentado sobre os espaços e as vivências, concetualizando o país a partir da célebre oposição Lisboa/província. No jornal *Público*, num texto intitulado “O Portugal pós-moderno” (13 de julho de 2001) a professora universitária lisboeta revela honestamente o contraste entre aquilo que descobriu ser a realidade e as suas representações concetuais sobre Braga e a região<sup>[2]</sup>:

<sup>2</sup> O local do jantar que M. F. Mónica refere no próprio texto foi a Pousada de Santa Maria de Bouro em Amares. Dista de Braga 25 quilómetros em direção ao Gerês.

Na semana passada, fui a um jantar, lá longe, muito longe, entre as montanhas do Minho. Tendo-me habituado a passar o Verão em Inglaterra, há anos que não atravessava a região. Na verdade, quase a esquecerera. Ou antes, imaginava-a povoada por camponeses de boina, por carros de bois chiando pelas quelhas, por moçoilas cantando nas desfolhadas. Nada me preparara para o que ia encontrar. [...] Ao lado das lojas de santinhos da Rua do Souto, existe o Braga Shopping, com os seus Don Algodon, Zara, Benetton. Entre as jovens minhotas, e as suas mães e avós, ainda de lenço na cabeça e longos vestidos negros, vai um abismo.

A primeira dimensão desta perceção sobre Braga é que fica “lá longe, muito longe, entre as montanhas do Minho”. É interessante notar que, aqui, não é tanto a distância geográfica que constrói a representação de longinquidade: na realidade, o que são pouco mais de 300 quilómetros para quem viaja todos os anos distâncias de milhares só para “passar o Verão em Inglaterra”, como revela? Esta ideia de longinquidade casa bem com a representação, ainda que geograficamente pouco real, de Braga como local diferente, interiorizado, rural, fixo nas descrições literárias passadas para lugares e vivências supostamente imutáveis. Pode parecer inverosímil ser possível imaginar que, já no século XXI, uma investigadora-coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, justamente muito considerada entre a classe mais culta e bem informada do país, possa imaginar Braga e a região “povoada por camponeses de boina, por carros de bois chiando pelas quelhas, por moçoilas cantando nas desfolhadas”. Ou pode dizer-se que é apenas um caso isolado e que só Maria Filomena Mónica é que pensava assim no início deste século XXI. Não me parece que seja apenas ela, mas nem é esse o ponto da questão. A questão é a das representações sobre o país e os seus espaços e isto prova como em Portugal continua forte a representação opositiva Lisboa/província, talvez complexificada por uma outra tripartida que lhe sucedeu: Lisboa/Algarve/província. E Braga (e o Minho) insere-se nesta visão como o protótipo do espaço-província: longínquo, rural, afastado da modernidade.

E as provas de que genericamente esta oposição e esta visão (mais ou menos forte) de Braga/Minho continua no inconsciente coletivo de muitos portugueses não são assim tão difíceis de confirmar. Nunca encontrei um português que dissesse que quando chegou pela primeira vez a Braga encontrou a cidade que imaginava, mas todos (ou quase) dizem ter ficado admirados (costuma ser a palavra usada) positivamente com a cidade, o

que revela as poucas expectativas de base. E, mesmo depois do choque de Maria Filomena Mónica com a realidade (“Nada me preparara para o que ia encontrar”) e de terminar a crónica apoiando a mudança (“O Minho da minha infância desapareceu. Já não era sem tempo.”) é particularmente interessante verificar que a sua representação de Braga continua inserida no paradigma Lisboa/província. A universidade é classificada como “local” e por ter 16.000 alunos é considerada “mastodôntica” (“a mastodôntica universidade local (com 16.000 alunos)”). Na representação de Maria Filomena Mónica, apesar de todas as mudanças, Braga continua a ser o protótipo de cidade da província. Parte do pressuposto que só tem uma universidade (por acaso tem mais do que uma) e essa não é uma universidade “nacional” como as outras (Lisboa, Porto e Coimbra, talvez) mas uma universidade “local” que não é “grande”, mas “mastodôntica”, ou seja grande demais... naturalmente para o que a região merece ou precisa (hoje já ultrapassou a fase Universidade-mastodonte, porque já tem mais de 16.000 alunos).

Pode pensar-se que estas questões ligadas às representações acarretadas pelos espaços humanos são questões menores, ligadas apenas a “bairrismos” mais ou menos “provincianos”. Mas elas são fundamentais, não apenas para a identidade dos locais, mas mesmo a nível económico e de captação de recursos. Os problemas que Braga teve para convencer vários poderes institucionalizados e poder ver na sua região instituições e organismos como a Universidade do Minho, o primeiro curso de Medicina fora das universidades Lisboa-Porto-Coimbra, o primeiro Instituto Confúcio em Portugal, o Laboratório Ibérico de Nanotecnologia (para dar apenas alguns exemplos) decorreram mais de uma representação arcaica e ruralizada, pré-contemporânea da região do que efetivamente das deficiências estruturais e humanas que efetivamente tinha.

Justifica-se, por isso, que uma unidade como o Centro de Estudos Lusíadas (CEL) fomenta o debate sobre as perceções existentes na relação entre o espaço humano em que se insere, as culturas aí existentes e a contemporaneidade. Este pequeno livro destina-se precisamente a isso, ultrapassando a situacionalidade concreta do espaço Braga/Minho em que o CEL se insere e alargando a temática a um debate mais abrangente sobre as questões dos espaços e das suas representações.

Neste âmbito, Álvaro Domingues, em “Braga: Espaços, Culturas e Contemporaneidade - Contributos para Repensar a Cidade e a Cultura”

aborda o percurso de Braga desde a sua representação em mapa no volume V do *Civitates Orbis Terrarum* (1594) até aos dias de hoje, sobretudo na importante oposição urbano-rural, mostrando como essa dicotomia é hoje de muito difícil recorte:

Chegados aos tempos de hoje é quase impossível manter o esquematismo e o simplismo desta geografia breve. Em poucas décadas, a desruralização da sociedade, da economia e do território portugueses evidencia-se pelo desaparecimento da agricultura pré-moderna de base familiar, de auto-subsistência ou auto-consumo, onde dominavam os processos de produção tradicionais intensivos em trabalho.

Contextualizando as oposições entre intramuros e arrabaldes em relação a centro-periferia, reflete sobre a persistência da representação mitificada da cidade que teve durante muitos séculos a exclusividade do urbano. E tentando “estabelecer algum nexos entre as três palavras repescadas ao título: espaços, cultura e contemporaneidade” conclui que a contemporaneidade exige ruturas e grandes alterações relativamente aos espaços e às suas vivências, já que “o urbano deve conter a agitação caótica, como é aquilo que na Física adjetiva os sistemas dinâmicos e complexos”.

Pedro de Andrade prossegue com temática semelhante, analisando os conceitos de cidade e urbano por oposição a ruralidade. Em “A urbe social e sociológica: ou a cidade entendida como contexto e enquanto cotexto quotidianos” faz “uma breve resenha teórica de alguns autores clássicos e contemporâneos sobre a realidade e paisagens urbanas”, abordando conceitos recentes como os de *idades em rede*, *pós-modernidade urbana* e *globalização das metrópoles*. Defendendo que qualquer enfoque atual sobre a cidade não pode esquecer a vertente da globalização, vinca as tendências atuais de um mundo globalmente urbanizado e urbanizadamente global, fazendo ressaltar o facto de que “qualquer fenómeno global incide sobre a totalidade das localidades e influencia os fenómenos ocorrentes em qualquer uma delas.”

Já Isabel Marcos em “A morfogénese como teoria da integração urbanística da alteridade e da identidade. Premissas de um diálogo entre a física e o sentido” mostra como as oposições que podem construir os espaços urbanos não são apenas as que passam pelo confronto com a ruralidade mas que há outras que se constituem como núcleos fundadores. Assim,



aborda as várias fases de constituição da morfogénese de Lisboa, desde as suas origens Paleolíticas até ao século XVII, mostrando como elas “permitem diferenciar e hierarquizar as relações dinâmicas intrínsecas entre as formas urbanas e forças socioculturais”. Partindo do sistema axiológico Vida-Morte nas épocas romana, bárbara, árabe, pós-reconquista, medieval e renascentista, analisa e ilustra com gráficos representativos como desde a *Olisipo* ou *Felicitas Julia* dos anos de 60 a.C., passando pelo domínio bárbaro (Visigodos, Alanos e Suevos), pela presença árabe e pela Reconquista, a oposição vida/morte continuou fulcral no processo de urbanização.

São precisamente os processos de urbanização na contemporaneidade de Braga que Miguel Bandeira e Fátima Pereira abordam em “Regeneração Urbana e Espaço Público: renovados desafios para o Centro Histórico de Braga”.

Começam por constatar a dificuldade da delimitação da essência do espaço urbano bracarense, referindo, para além do tradicional conceito de centro histórico, o de “centro vital” e de como esse espaço urbano vital em Braga é policêntrico:

O centro vital da cidade de Braga, mais do que uma área potencialmente delimitável, e que historicamente acompanhou a triangulação das funções simbólicas, político-administrativas e comerciais, é hoje uma estrutura complexa e fragmentária, podendo ser indagada de policêntrica se para isso, por exemplo, quisermos completar com o conjunto formado pelo *campus* de Gualtar da Universidade do Minho/Instituto Ibérico de Nanotecnologia, o eixo rodoviário de concentração das grandes superfícies comerciais, estruturado em torno das avenidas P<sup>o</sup> Júlio Fraga e Fr. Bartolomeu dos Mártires; e, o novo hospital de Braga.

Reconhecendo que o *centro histórico* de Braga sofreu um processo de degradação e “decadência dos seus espaços centrais, devido ao *abandono progressivo*” elencam alguns dos novos desafios para a reabilitação urbana que passam (e muito) pela reabilitação do espaço público mais nobre e apetecível da cidade, considerando os autores que “hoje em dia o espaço público já não é, acima de tudo, uma expressão simbólica da vida urbana, [mas que] tende cada vez mais a ser um lugar onde as pessoas se mostram. Um espaço genuíno de representação, afoito a um carnaval permanente onde não há dia nem noite, verão ou inverno, antigo ou moderno, apenas a reclamação hedonista da animação contínua.”

Mas a representação social que um espaço como Braga tem na contemporaneidade depende (e muito) das perceções sobre ele construídas e transmitidas no passado, sobretudo se nesses tempos possuía uma marca identitária acentuada em vertentes específicas. Foi precisamente o que aconteceu com Braga. A ideia de Braga e Minho, no início exposta, de Maria Filomena Mónica, bem representativa dos estereótipos sobre a cidade e a região para uma significativa camada de portugueses é o resultado mais de perceções antigas literariamente transmitidas do que de experiências de contacto. E é precisamente sobre as perceções sobre Braga que os escritores e a literatura portuguesa do século XIX transmitiram o texto de João Paulo Braga, “Itinerários literários de Braga (séc. XIX): Camilo e outras vozes”. Sendo as outras vozes as de escritores como Alexandre Herculano, Fialho de Almeida, Antero de Figueiredo, Urbano Loureiro, José Joaquim Rodrigues de Freitas Júnior, Alberto Pimentel, Teixeira de Queirós, Alberto Braga ou José Augusto Vieira, é sobretudo a Camilo Castelo Branco que o autor recorre para nos fazer visualizar a Braga de há mais de um século atrás.

A literatura dos autores citados vai documentando como o centro urbano de Braga se mudou, sobretudo a partir de meados do séc. XIX, da zona da Sé para a agora Avenida Central, zona então designada Campo de Sant’Ana. Mas sobretudo documenta o estereótipo de uma Braga ultrarreligiosa, rural, fechada, dominada pelo clero, de tal modo que, para Camilo, se no Romance entrassem padres e vozes a rezar o terço em público de lado para lado da rua (até na rua principal da cidade isso acontecia!) nem era preciso dizer que a ação se passava em Braga (“seria um pleonasma e desperdício de génio” como ironiza na novela *O Sr. Ministro*).

Em contraste com estas vivências do passado e procurando documentar outras vivências contemporâneas do espaço urbano, Helena Pires e Maria da Luz Correia, no texto “Entre narrativas e entre passeios: uma aproximação à etnografia do intervalo”, escolhem

o papel do investigador-passeante, especialmente atento à vida de rua procuramos ser sensíveis ao modo como se interseam o longínquo e o próximo, o global e o local, a cultura e o detalhe dos signos e objetos, tais como a arquitetura, os letreiros, mas também as experiências do quotidiano, as conversas de passagem, as histórias de vida do habitante ou viajante anónimo que circula pela cidade.

Para isso, contam duas histórias de duas personagens que fazem do espaço urbano o seu espaço essencial, procurando as autoras documentar “o modo singular como os espaços e os lugares se configuram na sua intersticialidade.”

Todas estas vivências humanas, quer sociais, quer individuais, implicam o intercâmbio comunicativo e linguístico nos espaços em que se verificam. Torna-se, por isso, a linguagem verbal um dos marcadores principais dos processos e dos resultados das interações que acontecem. E como é que a língua reflete esse espaço, como é que ela acarreta indícios das específicas vivências que esses espaços proporcionam?

É essa a temática abordada por José Teixeira em “O Falar Bracarense: mitos, identidades e palavrões” que, no caso concreto do espaço bracarense e numa dimensão sociolinguística, procura fazer ressaltar a relação entre este espaço geográfico e as suas idiosincrasias linguísticas e vivenciais-culturais. A partir de testemunhos do Projeto Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense abordam-se algumas particularidades tidas como típicas do falar de Braga, como o uso do calão, e simultaneamente procura-se evidenciar a importância que certas palavras como “cascavelho”, completamente ignoradas e inexistentes nos dicionários do português, tiveram e ainda têm como marcadores e testemunhos de uma forma de viver neste espaço.

Por fim, apresenta-se uma entrevista com o escritor francês Jérôme Game, onde é tratada a questão do espaço urbano na lógica da respetiva esteticização literária. Para Game, tal não é possível sem implicar profundamente a questão da tecnologia. É a tecnologia, segundo Game, que redefine drasticamente tanto as escalas como o modo de perceber o espaço urbano e por isso a língua literária tem de retratar um mundo que é o da imagem tecnológica saturado imagética e mediaticamente. Por isso, a perceção literária não pode ignorar que tudo parece não ter verdadeira existência fora de um ecrã.

São constatações como estas que nos mostram as inter-relações entre os espaços humanos e as alterações que a contemporaneidade trouxe sobre as perceções que sobre os mesmos construímos. Ora um espaço humano, muito mais do que um espaço físico, é sobretudo um espaço de perceções. O espaço na sua fisicidade autónoma não tem qualquer valor para nós. O que interessa é sempre o espaço contentor, contentor de vivências e de perceções individuais e sociais sobre essas vivências.

Este livro procura, em síntese, cumprir duas finalidades complementares. Por um lado, mostrar como os espaços que vivemos são estratificados pelos percursos passados e por outro fazer refletir sobre a forma como a muito recente contemporaneidade está (e vai continuar) a alterar os modos como nos inserimos nos espaços em que vivemos. Parece-nos isto urgente e essencial, numa altura em que o humano e o tecnológico se fundem cada vez mais e se começa a debater (penso que pela primeira vez a sério) a questão (o problema?) do impacto da chamada internete das coisas e da Inteligência Artificial nas futuras (bem próximas) vivências humanas.

Para a Criação, do Mundo, do Tempo e do Espaço, segundo Miguel Ângelo, foi suficiente o contacto do dedo de Adão com o dedo de Deus. Esta Contemporaneidade em que nos inserimos, para criar os seus espaços e vivências, reais ou virtuais, já não espera o ato único do dedo de Deus. Interroga-se, no entanto, que criações resultarão de biliões de contactos entre os nossos dedos e os novos dedos da criação a que (entre outros nomes) chamamos teclas, ecrãs, circuitos integrados ou circuitos neuronais simulados.

*José Teixeira*

Presidente do Centro de Estudos Lusíadas  
da Universidade do Minho



Somos, cada um, um-ser-num-espaco, o que implica que cada comunidade humana é um conjunto de seres inseridos em espaços e respetivas interações e resultados, aos quais também se pode dar o nome de Cultura(s). [...]

Será a partir do espaço vivencial concreto em que nos situamos, Braga e o Minho, que se procurará refletir sobre este e os outros espaços e respetivas vivências e culturas na contemporaneidade. (José Teixeira, “Em Jeito de Introdução”)



Banco e parede na Central de Camionagem, Braga



Universidade do Minho  
Centro de Estudos Lusíadas

ISBN 978-989-755-336-3



9 789897 553363